

PRÉMIO GOODREADS PARA MELHOR LIVRO DE FICÇÃO

A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE

Uma biblioteca.
Vidas infinitas.



Finalista
British Book Awards
MELHOR LIVRO
DE FICÇÃO
DO ANO

MATT HAIG

BESTSELLER NEW YORK TIMES,
SUNDAY TIMES E AMAZON



«Uma luz de esperança e sabedoria rara e bem-vinda
no meio da escuridão.»

Joanne Harris

«Um livro inteligente e emotivo que dá que pensar.»

Jenny Colgan

«Espantoso e belíssimo, *A Biblioteca da Meia-Noite* é tudo o que se
poderia esperar do genial contador de histórias que é Matt Haig.»

Joanna Cannon

«Uma fábula belíssima, um *Do Céu Caiu Uma Estrela*
dos tempos modernos. Incrivelmente intemporal, numa altura
em que estamos todos encurralados num mundo
que desejaríamos que fosse diferente.»

Jodi Picoult

«Matt Haig é um dos autores mais importantes do nosso tempo.»

Dolly Alderton

«Uma leitura absorvente mas confortável. Uma visão de
possibilidades ilimitadas, de novos caminhos para explorar, de um
mundo completamente diferente que, de algum modo, está à nossa
disposição, algures, pode ser exatamente aquilo que desejamos nestes
tempos atribulados e preocupantes.»

The New York Times

«Uma celebração das possibilidades da vida...»

Um belo conceito... Encantador.»

The Guardian

«Uma leitura deliciosa, repleta de calor humano e humor, e uma vibrante celebração do poder que os livros têm de mudar vidas.»

The Sunday Times

«Matt Haig é um dos autores populares mais inspiradores dos nossos tempos. Neste seu último livro, pegou num conceito inteligente e cativante e criou uma história enternecedora que, do mesmo modo enganadoramente simples, é capaz de rivalizar em termos de sabedoria com as melhores histórias de Mitch Albom.»

The Independent

«Uma protagonista por quem torcemos, capaz de carregar consigo esta fábula fantasiosa mas astuta acerca dos debilitantes efeitos do remorso.»

The Observer

«Uma premissa genial e divertida, com tantas histórias num só livro.»

The Daily Mail

«Um livro altamente original que nos deixa a pensar sobre a importância de dar valor à vida que temos.»

The Independent

«A ficção cruza-se com a terapia numa fábula otimista típica de Matt Haig.»

The Mail on Sunday

«Uma parábola fascinante e evocativa, não muito diferente de uma versão literária de *Instantes Decisivos* ou *Do Céu Caiu Uma Estrela*, acerca do destino e do poder do arrependimento.»

Irish Independent

«Uma história contada com mestria.»

The Sun

«Sem dúvida, a melhor obra de Matt Haig até à data...

Extremamente evocativo e maravilhosamente escrito.»

The Herald

«Genial. Vai até ao âmago do que tem importância na vida...

e do que não tem.»

Sunday Express

«Uma encantadora história de esperança,

destino e segundas oportunidades.»

Waterstones

«Encantador. A agradável voz narrativa e a imaginação de Matt Haig

irão recompensar os leitores que tirarem este livro da prateleira.»

Publishers Weekly

«Uma inesperada fantasia acerca do que é importante na vida.»

Kirkus Reviews

«Imprescindível.»

BookRiot

«A *Biblioteca da Meia-Noite* é um livro escrito para amantes de livros.»

The Oprah Magazine

Para todos os profissionais de saúde.

Para todos os cuidadores.

Obrigado.

«Jamais poderei ser todas as pessoas que gostaria de ser e viver todas as vidas que gostaria de viver. Jamais poderei aprender todas as aptidões que gostaria de dominar. E porque desejo tudo isto? Quero viver e sentir todas as graduações, tons e variações de todas as experiências mentais e físicas possíveis na minha vida.»

Sylvia Plath

— *Entre a vida e a morte existe uma biblioteca* — começou ela. — *E, nessa biblioteca, as estantes estendem-se até ao infinito. Cada um dos livros oferece-te a possibilidade de viveres outra vida que podias ter vivido. Permitem-te ver como as coisas podiam ter sido diferentes se tivesses feito outras escolhas... Se tivesses a oportunidade de voltar atrás nos teus arrependimentos, farias alguma coisa de modo diferente?*

Uma Conversa sobre Chuva

Dezanove anos antes de decidir morrer, Nora Seed encontrava-se sentada na pequena biblioteca da escola de Hazeldene, na cidade de Bedford. Fitava um tabuleiro de xadrez na mesa baixa à sua frente.

— Nora, querida, é muito natural que te preocupes com o teu futuro — disse a bibliotecária, a Sra. Elm, com os olhos a brilhar como gelo ao sol. Então, fez a sua primeira jogada. Um cavalo a saltar sobre a aprumada fileira de peões. — É claro que tens de te preocupar com os exames. Mas podes ser aquilo que quiseres, Nora. Pensa em todas as possibilidades que tens pela frente. É entusiasmante.

— Sim, penso que seja.

— Tens uma vida inteira à tua frente.

— Uma vida inteira.

— Podes fazer aquilo que quiseres, viver onde quiseres. Talvez num sítio um pouco menos frio e húmido.

Nora empurrou um peão duas casas para a frente.

Era difícil não comparar a Sra. Elm à sua própria mãe, que tratava Nora como se ela fosse um erro que precisava de ser corrigido. Por exemplo, quando Nora era bebé, a mãe andava preocupadíssima com a possibilidade de a sua orelha esquerda vir a ficar mais saliente do que a direita, por isso recorreu a fita adesiva para controlar a situação e usava um gorro de malha para o disfarçar.

— Eu *detesto* o tempo frio e húmido — acrescentou a Sra. Elm, para dar mais ênfase à questão.

A Sra. Elm tinha o cabelo grisalho curto e um rosto oval bondoso, um tanto enrugado; vestia uma camisola verde-tartaruga de gola alta. Era uma senhora bastante idosa. Mas, de toda a gente na escola, era a pessoa que mais estava em sintonia com Nora, por isso, mesmo quando não chovia, ela gostava de passar o intervalo da tarde na pequena biblioteca.

— O frio e a humidade nem sempre ocorrem ao mesmo tempo — disse-lhe Nora. — A Antártida é o continente mais seco da Terra. Tecnicamente, é um deserto.

— Bem, parece ser mesmo o lugar ideal para ti.

— Acho que não é suficientemente longe.

— Então talvez devesse ser astronauta. Viajar pela galáxia.

Nora sorriu.

— A chuva nos outros planetas ainda é pior.

— Pior do que em Bedfordshire?

— Em Vénus chove ácido puro.

A Sra. Elm tirou um lenço de papel do interior da manga e assoou delicadamente o nariz.

— Estás a ver? Com um cérebro como o teu, podes fazer o que quiseres.

Pela janela salpicada de chuva, Nora viu passar a correr um rapaz louro que reconheceu de uma turma dois anos abaixo da sua. Andava a perseguir alguém ou a ser perseguido. Desde que o irmão tinha saído da escola, Nora sentia-se um pouco desprotegida. A biblioteca representava um pequeno abrigo da civilização.

— O meu pai acha que eu deitei tudo a perder. Agora que parei de nadar.

— Bem, longe de mim estar a criticar, mas há coisas mais interessantes neste mundo do que nadar muito depressa. Tens muitas vidas possíveis à tua frente. Como te disse na semana passada, podes ser glacióloga. Andei a fazer alguma pesquisa e...

Foi nesse momento que o telefone tocou.

— Um minuto — disse suavemente a Sra. Elm. — Vou só atender o telefone.

Um instante depois, Nora virou-se para observar a Sra. Elm ao ouvi-la dizer:

— Sim. Ela está aqui comigo. — O rosto da bibliotecária assumiu uma expressão de choque. Voltou-se de costas para Nora, mas as suas palavras eram audíveis do outro lado da sala silenciosa: — Oh, não. Não. Oh, meu Deus. É claro que sim...

Dezanove Anos Depois

O Homem à Porta

Vinte e sete horas antes de decidir morrer, Nora Seed estava sentada no seu sofá velho a ver fotografias das vidas felizes das outras pessoas, à espera de que algo acontecesse. Até que algo aconteceu, vindo do nada.

Alguém lhe tocou à campainha, fossem quais fossem os seus motivos peculiares.

Por momentos, ainda se questionou se devia ignorar e não abrir a porta. Afinal, já estava com a roupa de dormir, embora ainda só fossem nove da noite. Sentia-se constrangida com a sua t-shirt larga em que se lia «ECO GUERREIRA» e as suas calças de pijama axadrezadas.

Calçou os chinelos, para se apresentar ligeiramente mais civilizada, e descobriu que a pessoa que estava à porta era um homem, e ela sabia quem ele era.

Era alto, magro e meio desajeitado, de ar jovial e rosto bondoso, mas os seus olhos tinham um brilho e uma vivacidade especiais, como se pudessem ver através dos objetos.

Foi bom vê-lo, ainda que um pouco surpreendente, principalmente porque ele encontrava-se equipado para fazer desporto e estava corado e transpirado, apesar do tempo frio e chuvoso. A justaposição entre os dois fê-la sentir-se ainda mais andrajosa do que cinco segundos antes.

No entanto, Nora andava a sentir-se muito sozinha. E embora tivesse estudado o suficiente de filosofia existencial para acreditar que a solidão era um aspeto fundamental no ser humano enquadrado num

universo essencialmente desprovido de significado, foi muito agradável vê-lo.

— Ash — disse ela, com um sorriso. — Chamas-te Ash, não é?

— Sim. Chamo-me Ash.

— O que estás aqui a fazer? É bom ver-te.

Algumas semanas antes, ela estava sentada a tocar no seu piano elétrico quando ele desceu a Bancroft Avenue a correr e, ao vê-la pela janela da sua casa no 33A, acenou-lhe timidamente. Em certa ocasião, já alguns anos antes, ele convidara-a para beber café. Talvez estivesse prestes a fazê-lo novamente.

— É bom ver-te também — disse ele, mas a sua testa tensa não corroborava as suas palavras.

Quando Nora se lhe dirigia na loja, ele parecia sempre uma pessoa descontraída, porém, agora a sua voz carregava qualquer coisa pesada. Coçou a testa. Fez outro som estranho, mas não chegou a conseguir pronunciar uma palavra inteira.

— Estiveste a correr? — Que pergunta inútil. Era evidente que tinha saído para correr. Mas ele pareceu ficar momentaneamente aliviado por ter qualquer coisa trivial para dizer.

— Sim. Vou fazer a meia-maratona de Bedford. É este domingo.

— Ah, muito bem. Que bom. Eu também pensei em fazer uma meia-maratona, mas depois lembrei-me de que detesto correr.

Isto parecera-lhe mais engraçado quando o pensara do que agora, com as palavras verbalizadas e libertas no ar. E ela nem sequer detestava correr. Ainda assim, sentiu-se perturbada ao ver a seriedade da expressão dele.

— Disseste-me que tinhas um gato — acabou ele por afirmar.

— Sim. Tenho um gato.

— Eu lembro-me do nome dele. É *Voltaire*. Um gato ruivo às riscas?

— Sim. Chamo-lhe *Volts*. Ele acha *Voltaire* um pouco pretensioso. Como se veio a revelar, não é grande adepto de filosofia e literatura francesas do século XVIII. É um gato muito terra a terra. Sabes como é... Para um gato.

O Ash baixou os olhos para os chinelos dela.

— Receio que ele tenha morrido...

— O quê?!

— Está ali deitado na beira da estrada, muito quieto. Vi o nome na coleira dele e acho que é capaz de ter sido atropelado por um carro. Lamento muito, Nora.

Nora sentia-se tão assustada com a súbita torrente de emoções que a inundou que continuou a sorrir, como se o sorriso tivesse a capacidade de a manter no mundo em que estava até uns instantes antes, um mundo no qual *Voltaire* estava vivo e aquele homem a quem vendia pautas de música para guitarra lhe tivesse batido à porta por outro motivo qualquer.

Segundo se lembrava, Ash era cirurgião. Não veterinário, mas um cirurgião de pessoas. Se ele dizia que algum ser estava morto, a probabilidade era que, de facto, estivesse.

— Lamento muito.

Nora sentiu uma onda familiar de tristeza. A única coisa que a impedia de chorar era a sertralina que ainda havia no seu corpo.

— Oh, meu Deus.

Saiu para a rua, para as lajes rachadas e molhadas da Bancroft Avenue, mal conseguindo respirar, e viu o pobre bichinho peludo às riscas alaranjadas deitado no alcatrão brilhante molhado da chuva, colado ao passeio. Tinha a cabeça encostada à berma e as patas esticadas numa espécie de galope médio, como se estivesse a perseguir um pássaro imaginário.

— Oh, *Volts*. Oh, não. Oh, meu Deus.

Sabia que devia sentir pena e desespero pelo seu amigo felino — e sentia —, mas era forçada a reconhecer outra coisa também. Enquanto fitava a expressão calma e pacífica de *Voltaire* — a sua total ausência de dor —, havia um sentimento inescapável a ganhar força na escuridão.

Inveja.

Teoria das Cordas

Quando ela era mais nova, o pai costumava ficar ao lado da piscina, com os maxilares cerrados e os olhos a viajarem entre o cronômetro e a filha, enquanto ela tentava bater os seus recordes pessoais. Agora, ao chegar atrasada e ofegante para o seu turno da tarde na loja Teoria das Cordas, lembrou-se daquele olhar sentenciador, já há tanto tempo desaparecido, que recebia com frequência depois de um grande esforço.

— Desculpa — disse a Neil, que estava no minúsculo caixote sem janelas que lhe servia de escritório. — O meu gato morreu. Ontem à noite. E tive de o enterrar. Bem, alguém me ajudou a enterrá-lo. Mas depois fiquei sozinha no meu apartamento e não conseguia dormir, esqueci-me de ligar o despertador e só acordei ao meio-dia. Depois tive de fazer tudo à pressa.

Era tudo verdade e Nora imaginava que o seu aspeto — incluindo o rosto sem maquilhagem, o rabo de cavalo solto e desmazelado e o mesmo vestido em segunda mão de bombazina verde com peitilho que usara durante toda a semana, combinado com o seu ar generalizado de cansaço e desespero — corroboraria a história.

Neil levantou o olhar do computador e reclinou-se na cadeira. Juntou as mãos e fez um campanário com os indicadores, sobre os quais apoiou o queixo, como se fosse o próprio Confúcio a meditar sobre uma verdade filosófica profunda acerca do Universo e não o dono de uma loja de equipamentos musicais a lidar com uma

funcionária atrasada. Na parede atrás de si havia um cartaz gigantesco dos Fleetwood Mac; o canto superior direito estava descolado e fazia lembrar a orelha descaída de um cão.

— Escuta, Nora, eu gosto de ti. — Neil era inofensivo. Um amante de guitarras com 50 e poucos anos que gostava de contar anedotas pirosas e tocar *covers* do Dylan ao vivo na loja, o que fazia com relativa habilidade. — E sei que tens as tuas cenas de saúde mental.

— Toda a gente tem cenas de saúde mental.

— Sabes o que quero dizer.

— Estou a sentir-me bastante melhor, genericamente falando — mentiu ela. — Não se trata de um caso clínico. O médico diz que é uma depressão situacional. O problema é que continuo a encontrar novas... situações. Mas não tirei dia nenhum por causa disso. A não ser quando a minha mãe... Sim. Essa foi a única vez.

Neil suspirou. Ao soltar o ar, fez um ruído sibilante com o nariz. Um ominoso si bemol maior.

— Há quanto tempo trabalhas aqui, Nora?

— Há 12 anos e... — sabia aquilo bem demais — 11 meses e 3 dias. Mais coisa menos coisa.

— Isso é muito tempo. Sinto que estás destinada a coisas muito melhores. Já estás na reta final dos 30.

— Tenho 35 anos.

— Mas tens tanta coisa a teu favor. Ensinas pessoas a tocar piano...

— Uma pessoa.

Ele sacudiu uma migalha da camisola.

— Imaginaste que o teu futuro seria passado na tua cidade natal, a trabalhar numa loja? Quando tinhas 14 anos, quero eu dizer? Como é que imaginavas o teu futuro nessa altura?

— Aos 14 anos? Imaginava que ia ser nadadora. — Ela tinha sido a adolescente de 14 anos mais rápida do país a nadar bruços e a segunda mais rápida a nadar estilo livre. Lembrava-se de estar no pódio no Campeonato Nacional de Natação.

— Então, o que aconteceu?

Nora fechou os olhos. Recordava-se do cheiro da desilusão, o forte odor do cloro, por ter acabado em segundo lugar.

— Era demasiada pressão.

— Mas é a pressão que nos constrói. Começamos como um pedaço de carvão e a pressão transforma-nos em diamantes.

Ela não corrigiu o seu conhecimento falacioso em relação aos diamantes. Não lhe disse que, embora o carvão e os diamantes sejam ambos carbono, o carvão é demasiado impuro para se tornar um diamante, não importa a pressão a que seja sujeito. De acordo com a ciência, começamos por ser carvão e acabamos a ser carvão. Talvez a verdadeira lição de vida fosse essa.

Alisou uma madeixa do cabelo cor de carvão em direção ao rabo de cavalo.

— O que estás a dizer, Neil?

— Que nunca é tarde para perseguir um sonho.

— Tenho quase a certeza de que é demasiado tarde para perseguir esse sonho.

— Tu és uma pessoa extremamente bem qualificada, Nora. Tens um curso de Filosofia...

Nora fitou um pequeno sinal que tinha na mão esquerda. Aquele sinal passara por tudo o que ela também passara. E estava ali, sossegado, sem se preocupar com nada. Existia apenas como um sinal.

— Se queres que seja sincera, Neil, a procura por filósofos em Bedford não é assim nada de *extraordinário*.

— Tu foste para a faculdade, viveste em Londres durante um ano e depois voltaste para cá.

— Não tinha grandes alternativas.

Nora não queria falar sobre a mãe que já morrera. Nem sequer sobre Dan. Porque Neil descobrira que ela tinha cancelado um casamento dois dias antes da data e achava-a a história de amor mais fascinante desde os tempos do Kurt e da Courtney.

— Todos temos alternativas, Nora... «Livre-arbítrio» diz-te alguma coisa?

— Bem, não exatamente se subscreveres uma visão determinista do Universo.

— Mas porquê vir para *aqui*?

— Porque ou trabalhava aqui ou no Centro de Resgate de Animais. Aqui o ordenado era melhor. Além disso, tenho conhecimentos musicais.

— Tiveste uma banda. Com o teu irmão.

— Sim, tive. Chamava-se The Labyrinths. Mas era um projeto que não ia a lado nenhum.

— O teu irmão conta uma história diferente.

Aquilo apanhou Nora de surpresa.

— O Joe? Como é que...?

— Ele comprou um amplificador. Um *Marshall DSL40*.

— Quando?

— Na sexta-feira.

— Ele esteve em Bedford?

— A não ser que fosse um holograma. Como o Tupac.

Ele deve ter vindo visitar o Ravi, pensou Nora. Ravi era o melhor amigo do irmão. Enquanto Joe desistira de tocar guitarra e se mudara para Londres, onde tinha um emprego merdoso, que detestava, em informática, Ravi ficara em Bedford. Agora tocava numa banda de *covers*, chamada Slaughterhouse Four, que fazia a ronda dos bares da cidade.

— Certo. Isso é interessante.

Nora tinha quase a certeza de que o irmão sabia que sexta-feira era o seu dia de folga. Esse facto provocou-lhe uma pontinha de tristeza.

— Eu sou feliz aqui.

— Só que não és.

Ele tinha razão. Uma tristeza profunda começou a alimentar-se dela. A mente de Nora estava a devorar-se a si mesma. Ela sorriu ainda mais.

— Sou feliz com o meu trabalho, quero eu dizer. Feliz no sentido em que me sinto satisfeita. Neil, eu preciso deste emprego.

— Tu és boa pessoa, Nora. Preocupas-te com o mundo. Com os sem-abrigo, com o ambiente.

— Preciso de trabalhar.

Ele regressou à sua pose de Confúcio.

— Tu precisas de liberdade.

— Não quero liberdade.

— Isto não é uma organização não-governamental. Embora, deva dizer, esteja a transformar-se rapidamente numa.

— Ouve, Neil, é por causa do que eu disse na outra semana? Sobre precisares de modernizar as coisas? Tenho algumas ideias para chamar os jovens para...

— Não — disse ele, na defensiva. — Esta loja vendia apenas guitarras. Teoria das Cordas, percebes? E eu diversifiquei o negócio. Fiz com que funcionasse. O problema é que quando os tempos estão difíceis, não posso pagar-te um ordenado para afugentares os clientes com a tua cara de enterro.

— O quê?

— Lamento, Nora — parou por um instante, mais ou menos o tempo que demoraria a levantar um machado no ar —, mas vou ter de prescindir dos teus serviços.

Viver É Sofrer

O céu estava inundado de nuvens carregadas, de um cinzento muito escuro, como se quisesse proporcionar um eco celestial do estado de espírito de Nora, que andava às voltas em Bedford à procura de uma razão para viver. Aquela cidade era um verdadeiro tapete rolante de desespero. O centro desportivo forrado a crespido granitado onde o seu pai, já falecido, outrora a observara a nadar piscinas e mais piscinas, o restaurante mexicano onde ela levava Dan para comerem *fajitas*, o hospital onde a mãe tinha feito os tratamentos.

Dan enviara-lhe uma mensagem no dia anterior.

Nora, tenho saudades da tua voz. Podemos conversar? D X

Respondeu-lhe que estava *estupidamente ocupada* (que piada). Mas era impossível responder-lhe qualquer outra coisa. Não porque tivesse deixado de gostar dele, mas porque ainda gostava. E não podia correr o risco de voltar a magoá-lo. Ela já lhe tinha arruinado a vida. «A minha vida está um caos», dissera-lhe ele por mensagens embriagadas, pouco tempo depois do quase casamento de que ela desistira dois dias antes da data.

O Universo tinha tendência a mergulhar no caos e na entropia. Era um princípio de termodinâmica simples. Talvez também fosse o princípio de uma existência básica.

Perde-se o emprego e a seguir as merdas começam a acontecer.

O vento soprou por entre as árvores.

E começou a chover.

Nora encaminhou-se para o abrigo de um quiosque de jornais, com a profunda — e, como se viria a verificar, *correta* — sensação de que as coisas estavam prestes a piorar.

Portas

No tempo que demorou a pestanejar lentamente, viu o fantasma do pai, com o olho da mente, a olhar para o cronómetro como se estivesse à espera de que ela o alcançasse. Abriu os olhos e entrou no quiosque.

— Está a abrigar-se da chuva? — perguntou a mulher atrás do balcão.

— Sim. — Nora manteve a cabeça baixa. O desespero aumentava como um peso que não conseguia carregar.

A *National Geographic* estava em exibição no escaparate.

Enquanto fitava a capa da revista, que tinha a imagem de um buraco negro, apercebeu-se de que era exatamente aquilo que ela era. Um buraco negro. Uma estrela a morrer, a colapsar para dentro de si mesma.

O pai costumava assinar aquela revista. Lembrava-se de, em certa ocasião, ter ficado completamente enfeitiçada por um artigo sobre Svalbard, o arquipélago norueguês situado no oceano Ártico. Nunca tinha visto um lugar que parecesse *tão remoto*. Lera sobre cientistas que faziam investigação por entre os glaciares e fiordes congelados sobrevoados por papagaios-do-mar. Nessa altura, incentivada pela Sra. Elm, decidiu que ia ser glacióloga.

Viu o vulto mal-arranjado e corcunda de Ravi, o amigo do irmão e seu antigo companheiro de banda, junto às revistas de música, absorto na leitura de um artigo qualquer. Ficou ali durante uma fração de segundo a mais, porque, quando se virou para se ir embora, ouviu-o chamar:

— Nora?

— Olá, Ravi. Ouvi dizer que o Joe esteve em Bedford no outro dia. Um pequeno movimento da cabeça.

— Sim.

— E ele... Hum, viste-o?

— Sim, na verdade, estive com ele.

Seguiu-se um silêncio doloroso para Nora.

— Ele não me disse que vinha cá.

— Acho que passou de fugida.

— E ele está bem?

Ravi hesitou. Nora gostava dele e ele tinha sido um bom amigo para Joe. Mas, como acontecia entre ela e o irmão, havia uma barreira entre os dois. Quando se separaram, não o fizeram nos melhores termos. (Ele atirara com as baquetas para o chão na sala de ensaios e saíra de rompante quando Nora lhe contou que ia abandonar a banda.)

— Acho que ele está deprimido.

O pensamento de Nora ficou ainda mais pesado só de imaginar que o irmão pudesse estar a sentir-se como ela se sentia.

— Ele nem parece o mesmo Joe — continuou Ravi, com raiva na voz. — Vai ter de sair da caixa de sapatos onde mora em Shepherd's Bush. Já que não consegue tocar guitarra principal numa banda de *rock* bem-sucedida. Eu também não estou propriamente a nadar em dinheiro, repara. Os concertos nos bares atualmente não rendem muito. Nem mesmo quando concordamos em limpar as casas de banho. Alguma vez limpaste casas de banho de bares, Nora?

— Bem, já que estamos a competir nas Olimpíadas da Infelicidade, eu também estou a passar por um mau bocado.

Ravi riu-se e tossiu ao mesmo tempo. Uma dureza toldou-lhe o rosto por instantes.

— Oh, estou cheio de peninha de ti.

Ela não estava com disposição para aquilo.

— Isto é por causa dos The Labyrinths? Ainda?

— A banda era muito importante para mim! E para o teu irmão também. Para todos nós, na verdade. Nós tínhamos um acordo com a Universal. Mesmo ali à mão de semear. Um álbum, *singles*, uma digressão, promoção. Podíamos ser os Coldplay agora.

— Tu detestas os Coldplay.

— Não importa. Podíamos estar em Malibu. Em vez disso, estamos em *Bedford*. Por isso, não, o teu irmão não está preparado para te ver.

— Eu andava a ter *ataques de pânico*. Ia acabar por deixar toda a gente ficar mal. Disse à editora para avançar convosco sem mim. Concordei em escrever as canções. Não tinha culpa de estar noiva naquela altura. Estava com o Dan. E foi o que acabou por me fazer decidir.

— Ah, pois, porque essa relação correu muito bem, não foi?

— Ravi, isso não é justo.

— Justo. Que palavra maravilhosa.

A mulher atrás do balcão fitava-os boquiaberta, tamanho era o seu interesse.

— As bandas não duram muito tempo. Nós teríamos sido como uma chuva de meteoritos. Íamos acabar antes mesmo de começarmos.

— As chuvas de meteoritos são bonitas, caramba!

— Vá lá. Tu ainda continuas com a Ella, não continuas?

— Podia continuar com a Ella e fazer parte de uma banda de sucesso, *ter* dinheiro. Nós tivemos aquela oportunidade. Estava mesmo *aqui* — apontou para a palma da mão. — As nossas canções eram *fantásticas*.

Nora odiou-se por corrigir silenciosamente o «nossas» por «minhas».

— Eu acho que o teu problema não era medo do palco. Nem medo do casamento. Acho que o teu problema é teres *medo da vida*.

Aquilo doeu-lhe. As palavras sugaram-lhe todo o ar dos pulmões.

— E eu acho que o *teu* problema — ripostou Nora, com a voz a tremer — é culpares os outros pela vida de merda que tens.

Ele assentiu, como se tivesse acabado de levar uma bofetada. Depois devolveu a revista à banca.

— Vemo-nos por aí, Nora.

— Diz ao Joe que lhe mando cumprimentos — disse ela, enquanto ele se afastava do quiosque e enfrentava a chuva. — Por favor.

Viu de relance a revista *Your Cat*. Na capa estava um gato ruivo às riscas. Nora tinha tanto barulho dentro da cabeça, era como uma sinfonia *Sturm und Drang*, como se o fantasma de um compositor alemão estivesse enclausurado dentro do seu crânio, a conjurar caos e intensidade.

A mulher atrás do balcão disse qualquer coisa que ela não percebeu.

— Desculpe?

— És a Nora Seed?

A mulher — cabelo curto e louro, bronzado falso — tinha um ar feliz e descontraído, relaxado, de uma maneira que Nora já não sabia como podia ser. Estava debruçada com os braços apoiados sobre o balcão, qual lémure em exibição no jardim zoológico.

— Sou.

— Eu sou a Kerry-Anne. Lembro-me de ti da escola. Eras a nadadora. A superinteligente. O diretor qualquer-coisa, Dr. Blandford, não fez uma assembleia sobre ti? Disse que tu ias acabar por chegar aos Jogos Olímpicos?

Nora assentiu.

— E então, chegaste?

— Eu, hum, desisti da natação. Na altura... gostava mais de música. Mas depois a vida aconteceu.

— Então o que fazes agora?

— Estou... entre empregos.

— Tens alguém? Namorado? Filhos?

Nora abanou a cabeça. Quem lhe dera que lhe caísse dos ombros e pronto. A sua própria cabeça. No chão. Para nunca mais precisar de ter uma conversa como aquela com uma desconhecida.

— Bem, já não tens muito tempo. Tiquetaque, tiquetaque.

— Tenho 35 anos. — Desejou que Izzy estivesse ali. Izzy nunca aceitava aquele tipo de conversas de merda. — E nem tenho a certeza se quero...

— Eu e o Jake parecíamos dois coelhos, mas acabámos por conseguir. Temos dois pequenos terroristas. Mas vale a pena, sabes? Sinto-me tão *completa*. Posso mostrar-te algumas fotografias.

— Eu fico com dores de cabeça ao olhar para... telemóveis.

Dan queria ter tido filhos. Nora não sabia se queria. A maternidade aterrorizava-a. O medo de cair numa depressão maior. Ela mal conseguia cuidar de si, quanto mais de outras pessoas.

— Ainda vives em Bedford, é?

— Hum-hum.

— Pensei que tinhas conseguido fugir.

— Voltei quando a minha mãe adoeceu.

— Ah, lamento. Espero que ela já esteja bem.

— Tenho de ir andando.

— Mas ainda está a chover.

À medida que Nora fugia do quiosque, desejou não ter mais nada à sua frente senão portas, para poder ir passando por uma e por outra, deixando tudo para trás.

Como Ser um Buraco Negro

Nora estava em queda-livre e não tinha com quem conversar. A sua última esperança era a antiga melhor amiga, Izzy, que estava a mais de 16 mil quilómetros de distância, na Austrália. E a relação entre as duas também tinha arrefecido.

Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem a Izzy.

Olá, Izzy, há tanto tempo que não falamos. Tenho saudades tuas, amiga.

Seria TÃO BOM pôr a conversa em dia. X

Acrescentou mais um «x», mais um beijo, e enviou a mensagem.

Um minuto depois, Izzy já tinha visto a mensagem. Nora esperou em vão que os três pontinhos aparecessem no ecrã.

Passou pelo cinema, que naquela noite tinha em cartaz um filme do Ryan Bailey. Era uma comédia romântica *western* chamada *Saloon das Últimas Oportunidades*.

O rosto do Ryan Bailey parecia ter sempre conhecimento de *coisas profundas e significativas*. Nora adorava-o desde que o vira na televisão a fazer de Platão melancólico em *Os Atenienses* e desde que ele disse numa entrevista que estudava Filosofia. Imaginava-se a ter conversas profundas com ele sobre Henry David Thoreau, por entre um véu de vapor no jacúzi da sua casa em West Hollywood.

«Segue confiante na direção dos teus sonhos», dissera Thoreau. «Vive a vida que imaginaste.»

Thoreau era o filósofo que mais gostava de estudar. Mas quem é que segue com confiança em direção aos seus sonhos? Sem contar com Thoreau, claro. Ele decidira partir e viver na floresta, sem qualquer contacto com o mundo exterior, simplesmente escrevia, cortava lenha e a pescava. No entanto, era provável que a vida há dois séculos, em Concord, no Massachusetts, fosse mais simples do que a vida moderna em Bedford, no Bedfordshire.

Ou talvez não.

Talvez Nora fosse mesmo muito incompetente a fazê-lo. A viver.

As horas passaram por ela. Queria ter um propósito, algo que lhe desse uma razão para existir. Mas não tinha nada. Nem sequer o pequeno propósito de ir buscar a medicação do Sr. Banerjee, porque já o fizera dois dias antes. Tentou dar algum dinheiro a um sem-abrigo que encontrara na rua, mas depois percebeu que não tinha dinheiro para lhe dar.

«Anima-te, querida, pode nunca acontecer», dissera-lhe alguém.

Nunca nada acontecia, pensou para consigo. O problema era exatamente esse.

Antimatéria

Cinco horas antes de Nora decidir morrer, no momento em que começou a encaminhar-se para casa, o telemóvel vibrou-lhe na mão. Talvez fosse Izzy. Talvez Ravi tivesse dito ao irmão para a contactar. Não.

— Ah, olá, Doreen.

Ouviu uma voz agitada.

— Onde é que *estava*?

Esquecera-se completamente. *Que horas eram?*

— Tive um dia mesmo horrível. Peço imensa desculpa.

— Esperámos à porta do seu apartamento durante uma hora.

— Ainda consigo dar a aula ao Leo assim que chegar. Demoro cinco minutos.

— Agora já é tarde. Ele vai ficar com o pai nos próximos três dias.

— Oh, desculpe. Peço imensa desculpa.

Nora era uma mera torrente de desculpas. Estava a afogar-se em si mesma.

— Para ser franca, Nora, ele está a pensar em desistir das aulas.

— Mas ele é tão bom.

— E gosta muito de aprender, mas tem andado tão ocupado, com os exames, os amigos, o futebol. Alguma coisa tem de ficar para trás...

— O Leo tem mesmo talento. Já o pus a tocar o maldito Chopin. Por favor...

Ouviu um suspiro profundo, muito profundo.

— Adeus, Nora.

Nora imaginou que o chão se abria e a enviava terra abaixo até à litosfera, depois para o manto terrestre, sempre sem parar até chegar ao núcleo interno e ser comprimida num metal duro completamente desprovido de sentimentos.

Quatro horas antes de decidir morrer, Nora passou pelo seu vizinho idoso, o Sr. Banerjee.

O Sr. Banerjee tinha 84 anos. Era um homem frágil, mas desde que fizera a cirurgia à anca deslocava-se ligeiramente melhor.

— Isto hoje está terrível aqui fora, não está?

— Está — murmurou Nora.

Ele olhou de relance para o seu canteiro.

— Mas as íris já estão a nascer.

Ela olhou para o aglomerado de flores lilases e forçou um sorriso, enquanto se questionava que consolo possível poderiam aquelas flores proporcionar.

Por detrás dos óculos, o Sr. Banerjee tinha os olhos cansados. Estava junto à porta a procurar as chaves e transportava uma garrafa de leite num saco de compras que parecia demasiado pesado para si. Era muito raro vê-lo fora de casa, a mesma casa que Nora frequentara no primeiro mês que passou ali na rua, para o ajudar a criar uma conta de compras online.

— Oh — recomeçou ele. — Tenho boas notícias. Já não preciso que me vás buscar os comprimidos. O rapaz da farmácia veio morar para uma casa aqui perto e diz que não se importa de mos trazer.

Nora tentou responder, mas não conseguiu deixar sair uma única palavra. Em vez disso, apenas assentiu.

Ele conseguiu abrir a porta, depois fechou-a e retirou-se para junto do altar que erguera em homenagem à sua querida falecida mulher.

Pronto, era assim. Ninguém precisava dela. Era uma pessoa supérflua para todo o Universo.

Quando chegou ao seu apartamento, o silêncio era mais ensurdecedor do que o ruído. Cheirava a comida de gato. Uma das taças de *Voltaire* ainda estava no chão, com metade da ração por comer.

Foi buscar um copo de água e tomou dois antidepressivos, mas ficou a olhar para o resto dos comprimidos, enquanto se questionava.

Três horas antes de decidir morrer, todo o seu ser latejava dolorosamente com tantos arrependimentos. Era como se o desespero que lhe inundava a mente se fizesse igualmente sentir de alguma forma no tronco e nos membros. Era como se tivesse colonizado cada parte de si.

Recordava-a de que toda a gente estava melhor sem ela. Quando nos aproximamos de um buraco negro, a força gravitacional puxa-nos para a sua realidade desolada e negra.

Essa ideia era como uma interminável cãibra mental, algo demasiado desconfortável para suportar, mas demasiado forte para ser evitado.

Nora passou por todas as suas redes sociais. Não tinha mensagens, comentários, novos seguidores nem pedidos de amizade. Ela era anti-matéria com uma boa dose de autocomiseração por cima.

Entrou no *Instagram* e viu que toda a gente já tinha percebido a arte de viver, menos ela. Publicou uma atualização confusa no *Facebook*, mas, na verdade, já quase não usava aquela rede.

Duas horas antes de decidir morrer, abriu uma garrafa de vinho.

Os velhos livros de Filosofia fitavam-na com sobranceira, acessórios fantasmagóricos dos seus tempos de faculdade, quando a vida ainda encerrava alguma possibilidade. Tinha uma planta iúca e três catos minúsculos em vasos. Deu por si a pensar que ter uma forma de vida não senciente que passava os dias no seu vaso provavelmente seria uma existência mais fácil do que a sua.

Sentou-se ao pequeno piano elétrico, mas não tocou nada. Pensou no momento em que, sentada ao lado de Leo, o ensinara a tocar o Prelúdio de Chopin em mi menor. Com o devido tempo, até os momentos de felicidade se podem transformar em dor.

Havia um velho adágio de músicos acerca de não existirem notas erradas num piano. Todavia, a sua vida era uma cacofonia de sons sem sentido. Uma peça musical que podia ter seguido em tantas direções maravilhosas, mas que agora não se encaminhava para lugar nenhum.

O tempo foi passando e Nora olhou para o vazio.

Depois de beber o vinho, a revelação atingiu-a com uma clareza absoluta. Ela não era talhada para esta vida.

Cada uma das suas ações tinha sido um erro, cada decisão um desastre, cada dia um retrocesso em relação à pessoa que imaginara poder ser.

Nadadora. Música. Filósofa. Esposa. Viajante. *Glacióloga*. Feliz. Amada.

Nada.

Nem sequer conseguira ser bem-sucedida na categoria «dona de um gato». Ou na de «professora de piano uma hora por semana». Nem tão-pouco na de «pessoa capaz de manter uma conversa».

Os comprimidos não estavam a fazer efeito.

Acabou de beber o vinho. A garrafa inteira.

— Tenho saudades vossas — disse para o ar, como se os espíritos de todas as pessoas que amara estivessem ali naquela sala com ela.

Ligou ao irmão e, como ele não atendeu, deixou uma mensagem de voz.

— Eu amo-te, Joe. Queria só que soubesses isso. Não há nada que pudesses ter feito. Isto é um problema só meu. Obrigada por teres sido meu irmão. Amo-te. Adeus.

Começou a chover novamente, por isso ficou ali sentada com as cortinas abertas, a olhar para os pingos a escorrerem pelo vidro.

O relógio marcava 22 minutos depois das 23 horas.

Ela sabia apenas uma coisa com absoluta certeza: não queria chegar à manhã seguinte. Levantou-se. Encontrou uma caneta e uma folha de papel.

Nora decidiu que aquela era uma altura muito boa para morrer.

Querido Sejas Lá Quem Fores,

Tive todas as oportunidades para fazer da minha vida algo de bom e dei cabo de todas elas. Por causa do meu próprio descuido e infortúnio, o mundo afastou-se de mim, pelo que, agora, faz o mais perfeito sentido que também eu me afaste do mundo.

Se sentisse que havia alguma possibilidade de continuar, teria continuado. Mas não sinto. Por esse motivo, não posso continuar.

Eu só dificulto a vida às pessoas.

Não tenho mais nada para dar. Lamento.

Sejam bondosos uns para os outros.

Adeus,

Nora

SE PUDESSES ESCOLHER A MELHOR VIDA PARA VIVER, O QUE FARIAS?

No limiar entre a vida e a morte, depois de uma vida cheia de desgostos e carregada de remorsos, Nora Seed dá por si numa biblioteca onde o relógio marca sempre a meia-noite e as estantes estão repletas de livros que se estendem até perder de vista. Cada um desses livros oferece-lhe a hipótese de experimentar uma outra vida, de fazer novas escolhas, de corrigir erros, de perceber o que teria acontecido se tivesse escolhido um caminho diferente. As possibilidades são infinitas e vários horizontes se abrem à sua frente.

Mas será que algum desses caminhos lhe proporciona uma vida mais perfeita do que aquela que conheceu?

Na altura da escolha final, Nora terá de olhar para dentro de si mesma e decidir o que de facto lhe preenche a vida e o que faz com que valha a pena vivê-la.

«Uma fábula belíssima, um *Do Céu Caiu Uma Estrela* dos tempos modernos. Incrivelmente intemporal, numa altura em que estamos todos encurralados num mundo que desejaríamos que fosse diferente.»

Jodi Picoult



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-5960-17-0



9 789895 960170